AZIZ NACIB AB'SÁBER

NA REGIÃO DE MANAUS

Fotografias e comentários

Separata do
BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA
N.º 14 — Julho de 1953 — De pág. 55 a 66

SÃO PAULO
(BRASIL)

NA REGIÃO DE MANAUS

Fotografias e comentários
de
AZIZ NACIB AB'SÁBER

Em janeiro de 1953, o prof. AZIZ NACIB AB'SÁBER, sócio efetivo da A.G.B., professor de Geografia Física da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientae" e assistente da cadeira de Geografia do Brasil da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, teve oportunidade de visitar a cidade de Manaus, fazendo observações e colhendo fotografias de interêsse geográfico, que aqui aparecem devidamente comentadas.

Duas experiências de grande significação geográfica estão reservadas ao pesquisador que tem a felicidade de entrar em contato com as paisagens físicas e humanas da região de Manaus.

A primeira diz respeito ao esquema do mundo físico regional, no qual se destacam alguns elementos importantes, tais como: a topografia do tabuleiro terciário de Manaus, espécie de baixo planalto arenoso tabuliforme, esculpido nos arenitos da *formação Manaus*, réplica geológica e geomórfica dos tabuleiros da *formação das Barreiras* do Nordeste; a presença do flutuante Rio Negro, cuja amplitude de oscilação de nível em Manaus já alcançou a cota de 7,61 m, por volta de 1922; a existência de uma alta e extensa "barreira" fluvial na margem esquerda do Rio Negro, verdadeiro paredão de solapamento lateral situado na margem de ataque do grande rio; o quadro geográfico e hidrológico da zona de confluência entre o Negro e o Solimões, guardando ensinamentos dos mais interessantes sôbre os fenômenos naturais que se passam num ponto de encontro das águas de um grande rio "branco" com um grande rio "negro"; a trama dos igarapés que seccionam fundo a beirada das falésias fluviais do tabuleiro terciário e que constituem um elemento importante do sítio urbano de Manaus, segundo a observação criteriosa de Pierre Gourou (1949, p. 392); a floresta da terra firme e das terras baixas alagáveis e a vegetação de gramíneas das várzeas e margens de lagôas e paranás; o labirinto hidrográfico das planícies de inundação do Solimões, em contraste extraordinário com os sulcos discretos da drenagem dendrítico-retangular (Sternberg, 1950) dos tabuleiros terciários; enfim, entre outros, os problemas da fertilidade relativa das aluviões modernas da ilha do Careiro, em face do solo arenoso e pobre do tabuleiro terciário de Manaus.

Mas há um segundo grupo de fatos importantes, que diz respeito sobretudo ao trabalho do homem nêsse pequeno recanto da surpreendente *Hiloea*: uma grande cidade comercial do Norte do Brasil e das terras baixas centro-equatoriais da América do Sul; o maior pôrto tìpicamente fluvial do país; o ponto terminal da navegação atlântica de grande calado que remonta o Amazonas e uma etapa importante para toda a navegação da Amazônia Ocidental: a mais significativa e permanente experiência da conquista do homem em face

do meio físico, no desmesurado interior da Amazônia Brasileira; enfim, uma cidade que, além de apresentar uma posição geográfica excepcional na hinterlândia amazonense, possúi, também, um quadro de sítio urbano dos mais interessantes e inesperados dentre as grandes cidades brasileiras.

Para muitos dêsses fatos, ora enumerados, o geógrafo Pierre Gourou voltou suas vistas, de maneira inédita, pondo em equação os aspectos geográficos essenciais em suas "Observações geográficas na Amazônia" (1949), no meio das quais há um belo sumário dos fatos principais do relêvo, estrutura e solos regionais.

De nossa parte, teceremos apenas alguns comentários em tôrno de uma série de fotografias tomadas na região de Manaus, em janeiro do corrente ano, quando visitamos a região na companhia dos Profs. Ary França e Wladimir Besnard, e por especial gentileza dos aviadores da FAB, capitães França e Tapié.

REFERÊNCIAS.

GOUROU, Pierre

1949 — *Observações geográficas na Amazônia.* (Primeira parte). — Rev. Bras. de Geogr., ano XI, julho-setembro de 1949, n.º 3, pp. 355-408. Rio de Janeiro.

STERNBERG, Hilgard O'Reilly

1950 — *Vales tectônicos na planície amazônica?* Rev. Bras. de Geogr., ano XII, outubro-dezembro de 1950, n.º 4, pp. 511-534. Rio de Janeiro.

★

FOTO N.º 1 — **O tabuleiro arenoso de Manaus na zona do aeropôrto de Ponta Pelada.** — Aspecto do baixo planalto arenoso de Manaus, em fotografia tomada no ângulo de confluência entre o rio Negro e Solimões. No trecho retratado na fotografia, as "barreiras" fluviais areno-argilosas da margem esquerda do rio Negro alcançam de 25 a 40 m de altura acima do nível médio do rio (27,30 m). Trata-se de um alto paredão de solapamento fluvial, que separa nitidamente as estreitas praias de estiagem do rio Negro em relação ao tôpo razo e tàbuliforme do baixo platô. O aeropôrto de Manaus foi construido no nível mais elevado do tabuleiro, o qual oscila entre 75 e 82 m de altitude, e que se comporta como extensa esplanada dominando o rio e suas planícies de inundação. Idênticamente, a Escola Agrícola de Manaus foi colocada na borda do tabuleiro, em nível elevado, numa zona de solos péssimos, conforme já observou Pierre Gourou. O desnível do paredão fluvial nêsse trecho obriga as serrarias e pequenas oficinas ribeirinhas a construir modestos planos inclinados para elevar materiais e mercadorias do nível do rio até o tôpo das colinas. Ao fundo da fotografia, vêm-se a ilha e o paraná do Careiro, faixa de aluviões modernas da confluência entre o Negro e o Solimões e uma das áreas rurais essenciais para o abastecimento alimentar de Manaus. O caráter internacional que o aeropôrto de Manaus vem tomando, muito tem influido na vida de relações da cidade, colocando-a em permanente contacto com variadas regiões do país e do exterior.

FOTO N.º 2 — **Áreas de loteamento recente nos subúrbios do quadrante nordeste da Manaus, em plena zona de colinas do tabuleiro terciário.** — Após os últimos tratos de floresta maciça, a qual se apresenta na forma de uma alta cobertura que esconde completamente o solo e suas ondulações topográficas, o observador entra em contato com as primeiras clareiras humanizadas dos arredores de Manaus. A princípio, trata-se apenas de roças pioneiras, de conformação ligeiramente circular, rodeadas inteiramente pela floresta alta. Depois, sucede-se um mosaico de capoeiras baixas, em diversos estádios de reconstrução vegetal. O solo desnudo e arenoso começa a despontar aquí e alí, pela primeira vez, nos caminhos e cruzamentos de trilhas pisoteadas. Finalmente, são atingidos os primeiros subúrbios de Manaus, retratados na fotografia n.º 3. Trata-se de uma faixa de loteamento recente da periferia da cidade, situada em pleno dôrso das suaves colinas esculpidas no tabuleiro terciário da região. A despeito da movimentação relativamente pequena do relêvo, o loteamento possúi uma estrutura discretamente adaptado às curvas de níveis e ao dôrso das pequenas áreas interfluviais. Tais áreas de loteamento recente e extensivo contrastam sobremaneira com a paisagem dos antigos subúrbios arborizados que circundavam inteiramente a cidade, até há em poucos anos.

FOTO N.º 3 — **O rio Negro frente a Manaus, num período de estiagem moderada** — Extensos combôios de barcos e canoas constituem as cenas mais pitorescas da movimentação humana do rio Negro, na região de Manáus. Às primeiras horas da tarde, os barcos que vieram abastecer a cidade com produtos da região (peixes, frutas, cereais, verduras, drogas e tôda a sorte de produtos alimentícios), voltam para as zonas rurais ribeirinhas, rebocados por uma pequena lancha a motor. A maior parte das barcaças e canoas provêem da ilha do Careiro e adjacentes (Cambixe, Terra Nova e Caldeirão). O extenso combôio já em "alto rio" recebe as embarcações retardatárias, que procuram encaixar-se em lugar apropriado, segundo o seu tamanho. Não raro alguns dêsses combôios chegam a somar 50, 60 e, até mesmo, uma centena de canoas. O rio Negro, no lugar onde foi tomada a fotografia, possúi aproximadamente 2300 m de largura.

FOTO N.º 4 — **Paisagem urbana das zonas ribeirinhas dos igarapés de Manáus.** — Nas margens dos igarapés que se interpenetram dendrítica e profundamente pelo interior do organismo urbano, existe um sem número de atividades: fábricas e pequenas oficinas, grandes serrarias, minúsculos "portos" domésticos e, sobretudo, inúmeros fundos de quintal inundáveis, pertencentes a habitações pobres ou modestas da cidade. Durante as cheias, os espaços urbanos no local se reduzem, havendo estreitamento gradual das áreas de terras firmes. Frequentemente, o nível das águas atinge os quintais e os batentes das portas dos fundos das habitações ribeirinhas. Durante as grandes inundações, uma parte dos "chalés" e casebres da beira dos igarapés é invadida pelas águas, tal como aconteceu em abril-maio do corrente ano. O pequeno promontório de terra firme, retratado na fotografia, corresponde a um nível muito bem marcado de terraço fluvial dos flancos do igarapé (*strath terrace*), situado a 7 m àcima do nível médio das águas.

FOTO N.º 5 — **Aspecto do "front" da falésia fluvial de Manáus** (margem esquerda do Rio Negro). — A fotografia focaliza uma espécie de ligeiro colo no tôpo da barreira fluvial de Manáus Trata-se de um verdadeiro vale suspenso que segue a inclinação suave do reverso do tabuleiro e que foi destruido gradualmente das cabeceiras para jusante, à medida que o recúo da falésia se processou. Sôbre êsse pequeno acidente geomórfico, assim se referiu Pierre Gourou (1949, p. 381): "Pouco acima de Manáus, ou melhor, a

algumas centenas de metros a montante de São Raimundo, observamos um fato curioso :um vale sêco nasce sôbre o alto da falésia da margem esquerda do rio Negro, com declive para o norte, afastando-se do rio. É uma espécie de *valleuse* mas invertida, pois enquanto nas "valleuses" as altitudes do vale suspenso diminuem em direção à falésia e ao mar, o declive do vale suspenso de São Raimundo tem um sentido oposto, afastando-se do rio; contudo, este vale provocou um abaixamento na borda da falésia." Na realidade, trata-se de uma falsa *valleuse*, num arremêdo local e ilusório daquele curioso tipo de vales suspensos da beirada superior das falésias calcáreas. Trata-se de um ótimo índice para evidenciar o extraordinário recúo do paredão da falésia, determinado pela ação de solapamento lateral do volumoso e oscilante rio Negro, na zona próxima de sua confluência com o Solimões. O perfil transversal do vale suspenso retratado demonstra que a antiga plataforma interfluvial, que separava o rio Negro do vale dos igarapés manauenses, foi solapada em mais de 2 ou 3 km para nor-nordeste; daí o fato de pequenos vales de riachos afluentes dos igarapés terem restado sêcos e suspensos no reverso da barreira fluvial, demonstrando que o recúo homogêneo do paredão de erosão fluvial ultrapassou o divisor d'águas local da drenagem antiga. Pierre Gourou analisa bem o problema, esquecendo-se tão sòmente de anotar o papel das gigantescas oscilações do nível do rio Negro, que ampliam razoavelmente a capacidade da erosão fluvial lateral, e a natureza relativamente friável dos depósitos arenosos pliocênicos do tabuleiro de Manáus, extremamente sensíveis ao solapamento fluvial marginal. Enquanto a escultura pluvial e secundàriamente fluvial das camadas sub-horizontais arenosas do tabuleiro se faz através um modelado suave e tàbuliforme, devido à porosidade elevada das formações sedimentares regionais, o entalhamento fluvial lateral, ligado à correnteza maciça e oscilante do rio Negro, contrasta sobremaneira com a morfologia do modelado continental.

Alinhadas na praia de estiagem da base do paredão fluvial situam-se centenas de habitações palafíticas, que durante alguns meses ficam inteiramente à sêco e durante os meses das cheias restam isoladas pelas águas, tendo como quintal o talude íngreme da falésia fluvial. No reverso do paredão abrupto, iniciam-se os quarteirões compactos dos bairros modestos da cidade de Manáus, os quais constituem um dos blocos residencias do organismo, separados do centro da cidade pela trama dos igarapés.

FOTO N.º 6 — **Pormenores dos "chalés" palafíticos da praia de Manaus.** — Trata-se de habitações construidas sôbre delgadas e resistentes estacas. Na frente das habitações, a altura das estacas varía entre 2,5 e 3,5 m, enquanto que se reduz para 0,50 a 1,5 m nos fundos das mesmas. Os chalés palafíticos tem a melhor aparência possível na categoria de casas de madeiras ribeirinhas, tanto no que se refere às linhas simples e agradáveis de sua fachada, quanto ao seu arranjo e higiene interior e estado de conservação geral. Trata-se mesmo de um pitoresco conjunto de construções de madeiras, excepcionalmente bem construidas e limpas. O espaçamento lateral que as separa é da ordem de 2 a 3 m. Algumas dessas moradias pertencem a famílias de pescadores ou trabalhadores do rio ou dos cáis, enquanto um grande número delas é ocupada pelo pequeno comércio de interêsse da zona ribeirinha: mercearias, armazens, botequins e rústicos restaurantes eventuais. Em muitos pontos, o paredão da falésia que dá para os fundos das habitações apresenta íngremes trilhas de acesso ao alto reverso da barreira fluvial, onde existem outros tantos bairros pobres ou modestos da cidade de Manaus. Exceção feita da ausência da base palafítica, as moradias dos altos pouco diferem das que situam na praia, quer pelo material de construção, como pelo arranjo, limpeza e boa aparência. Durante as grandes cheias, o nível das águas sobe até próximo à

base dos "chalés" palafíticos: por essa época, canôas e pequenos barcos podem aportar em qualquer uma das habitações, que temporàriamente ficam transformadas em verdadeiros cáis domésticos.

FOTO N.º 7 — **Cenas e paisagens do interior dos igarapés manauenses** (confluência do Igarapé do Mestre Chico com o Igarapé da Cachoeirinha). — Na paisagem de alguns igarapés de Manáus, o fato mais notável é a existência de grandes pontes para transpor os vales e unir os diversos blocos de quarteirões do organismo urbano. Tais pontes, de certo porte, demonstram o vigor dos entalhes realizados pelas águas do igarapé. Durante as cheias, elas sobem normalmente de 4 a 5 m de nível, passando a ter a largura de um verdadeiro rio. Na vasante, essas pontes permanecem na categoria de verdadeiros viadutos, já que atravessam vales pràticamente sêcos ou modestos ribeirões de nula correnteza. Note-se que as embarcações penetram por todos os recantos dos igarapés, estendendo o aspecto de cidade fluvial que tão bem caracteriza a capital amazonense. Nos flancos dos igarapés, reaparecem casas sôbre estacas, não raro na forma de palafitas extremamente pernaltas e relativamente isoladas. O componente mais curioso dos igarapés é, porém, indiscutìvelmente, o tipo de "casa flutuante" que alí existe. Tais habitações precárias, ascendem e abaixam ao sabor do rítmo anual das cheias e vasantes das águas. Situadas nos fundos dos corredores achatados dos igarapés, as casas flutuantes estão como que aproveitando uma espécie de terra de ninguem dentro do organismo urbano de Manáus. Na realidade, os modestos proprietários dessas habitações fluviais não necessitam adquirir um quinhão de terreno para assentar sua moradia: daí a multiplicação das casas flutuantes no meio dos igarapés mais centrais da cidade. Grandes são os cuidados que os moradores das casas flutuantes precisam tomar durante a baixa das águas, afim de que a casa na vazante máxima permaneça assentada em terrenos planos do fundo do vale. Às vêzes, quando não são tomados os cuidados necessários, as casas ficam inclinadas e mal colocadas, em acidentados pontos do fundo dos igarapés.

Foto n.º 1

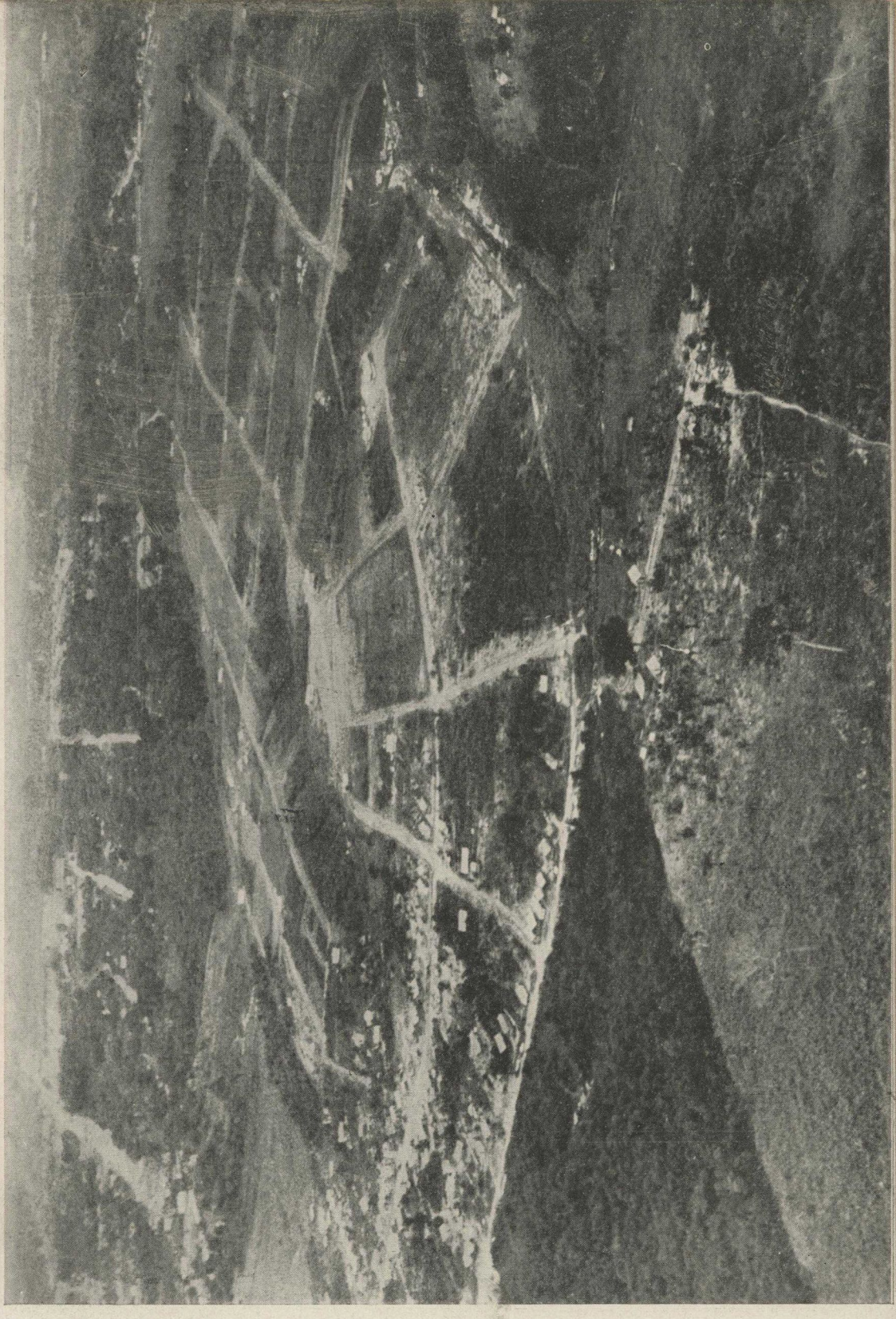

FOTO N.º 2

FOTO N.º 3

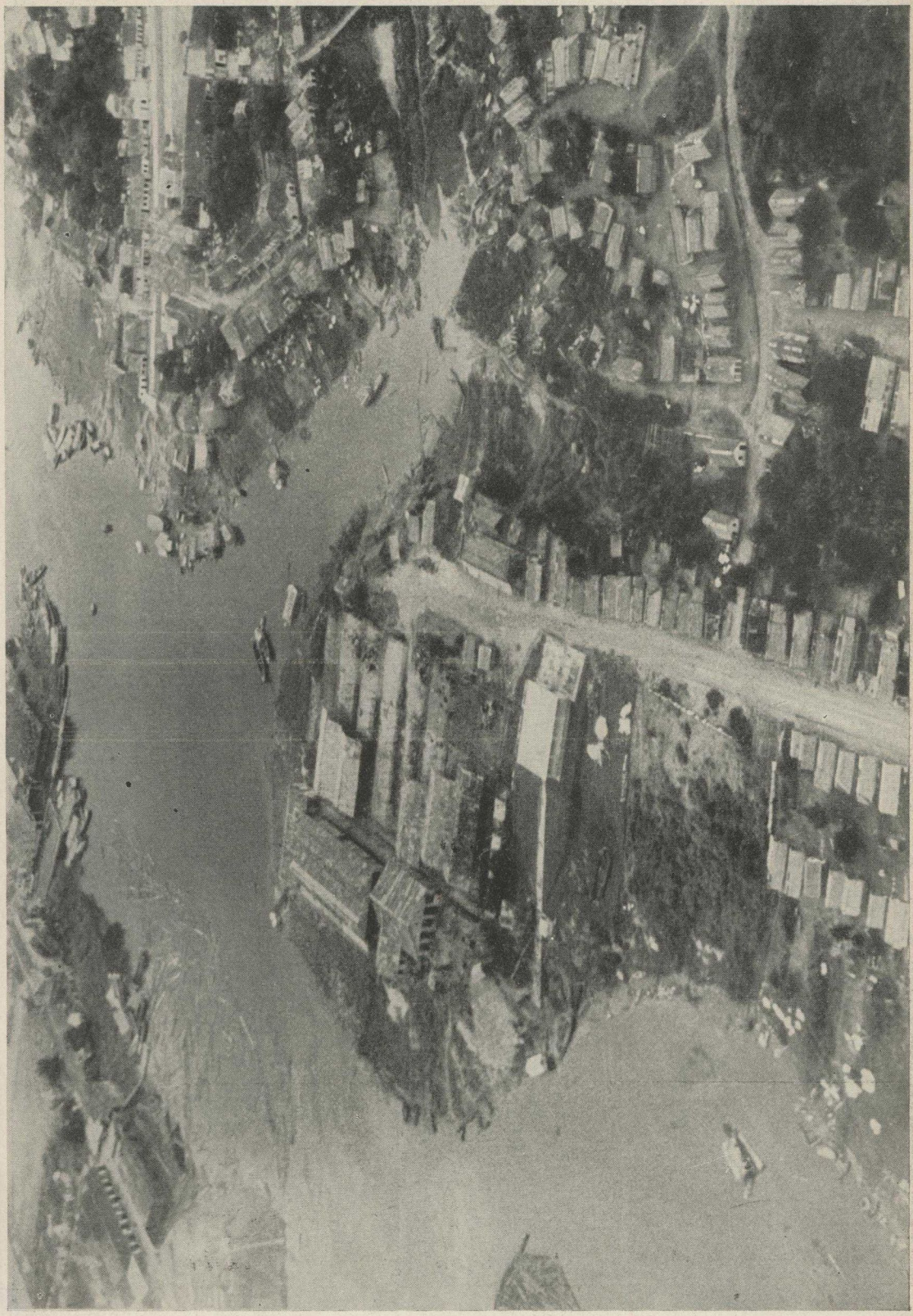

Foto n.° 4

Foto N.º 5

Foto n.º 6

Foto n.º 7

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura